

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ENFERMAGEM

Some considerations on nursing teaching

Vera Regina Waldow¹

RESUMO

O artigo caracteriza-se por uma série de questionamentos e reflexões sobre o ensino de enfermagem. Uma revisão e exame das atitudes em relação ao ensino, comportamento docente e suas implicações relacionadas ao poder são colocados como critérios para o desenvolvimento da enfermagem como verdadeira profissão.

Unitermos: Ensino; Aprendizagem; Poder; Pensamento crítico; Opressão; Conhecimento; Currículo; Reflexão.

O presente artigo é produto de uma problemática a qual venho me questionando há muito tempo, ou seja, a enfermagem e seu ensino em nosso país. Como professora de enfermagem tenho estado tentando achar o caminho certo e me feito milhares de perguntas a respeito da melhor forma de conduzir o ensino, estratégias e abordagens a serem utilizadas de forma que satisfaçam ambos, professores e alunos. Nunca me satisfiz completamente com o que vinha fazendo até recentemente e havia um sentimento de que alguma coisa não estava absolutamente correta e que necessitava ser melhorada. Acredito que o "produto" que temos oferecido ao mercado não tem sido satisfatório. Isto tem sido reforçado pelo sentimento que nossos alunos têm expressado informalmente em sala de aula, reuniões e outros eventos. Este sentimento de insatisfação em relação ao ensino-aprendizagem tem sido também compartilhado por alguns docentes bem como por alguns profissionais em campo clínico, os quais têm verbalizado perceberem a insegurança e desinteresse dos alunos. Estes sentimentos pois, têm evidenciado uma grande insatisfação, desencanto, insegurança e falta de habilidades tanto no "fazer" como no "pensar" enfermagem.

ABSTRACT

This article is based on several questions and considerations about nursing teaching. A review and an examination of attitudes related to teaching, teaching staff behaviour, and their implications related to power are used as criteria to the development of nursing as a real profession.

Key Words: Teaching; Learning; Power; Critical thought; Oppression; Knowledge; Curriculum; Reflection.

Como referi anteriormente, tenho me indagado bastante sobre o assunto e este artigo é composto de uma série de questionamentos os quais gostaria de compartilhar com colegas enfermeiros, professores, e alunos de enfermagem para futuros debates e esclarecimentos cujo objetivo tem como principal alvo, o desenvolvimento do ensino e conseqüentemente, da enfermagem. Eu acredito que a enfermagem só crescerá no momento em que iniciarmos a questionar, criticar e analisar sua identidade e seu objetivo como profissão. Identificar bases, criar um corpo de conhecimentos próprios ou assumir-se como ciência aplicada e estabelecer metas é prioritário para o seu desenvolvimento. Entretanto, isto pressupõe um árduo e longo trabalho a ser realizado em conjunto, numa união de esforços, ideologias, responsabilidade e compromisso por parte de todos os membros da profissão de enfermagem. Análise, reflexão, avaliação contínua constituem elementos obrigatórios no dia a dia de todo o profissional, e muito mais da parte dos docentes, os quais são os verdadeiros responsáveis pela formação do enfermeiro.

O ensino no Brasil tem apresentado mudanças e tem evidenciado uma fase de crise. Insatisfação por parte de professores e alunos em todos os níveis é bastante notório. A qualidade do ensino vem sendo severamente criticada e a enfermagem também tem

¹Professor Adjunto no Departamento Médico-Cirúrgico da Escola de Enfermagem da UFRGS, Mestre em Educação e doutoranda em Educação em Enfermagem pelo Teachers College/Columbia University, New York/U.S.A.

evidentemente, apresentado problemas nesse sentido.

Outro fato que demonstra e reforça o problema é o de a enfermagem não ter até hoje se destacado como profissão e não ter recebido o reconhecimento devido, tanto na área de saúde, ensino, como por parte do público em geral.

Este artigo, portanto, é um convite à reflexão a qual deve ser cuidadosa e honestamente examinada no sentido de identificarmos nosso papel no processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito à nossa participação e responsabilidade como elementos-chave na formação do enfermeiro.

Independente do enfoque dado em nossos currículos e programas de enfermagem com referência à filosofia, estrutura e conteúdo, os quais estou certa têm "atendido às necessidades de nossa sociedade capitalista e do sistema nacional de saúde", o que estamos oferecendo em termos de aprendizagem aos nossos alunos? Como nosso estudante de enfermagem está aprendendo enfermagem? Temos oferecido condições de nosso aluno desenvolver pensamento crítico? Tem nosso aluno usado dados, informações, bibliografia, pesquisas? Nosso aluno é um mero assimilador e replicador de informações e técnicas ou ele é capaz de analisar, interpretar e discutir diferentes opiniões dando seu próprio parecer baseado em julgamento crítico? Tem ele sido capaz de apresentar poder de decisão?

O que nossas escolas de enfermagem têm oferecido em termos de "produto"? Um bom empregado de saúde que atende as exigências da instituição ou um profissional capacitado a prestar excelente qualidade de assistência de enfermagem, centrada e fundamentada em conhecimento científico?

Qual é a nossa meta, como docentes? Formar um bom técnico, um administrador de unidade, um enfermeiro de unidade? E o que vem a constituir "ser enfermeiro"?

Temos possibilitado ao nosso aluno tornar-se um enfermeiro dotado de habilidades técnicas, intelectuais, sensibilidade e que saiba prestar "cuidado de enfermagem" de forma independente? Sabemos realmente o que vem a ser função independente? O que vem a ser e o que representa para nós enfermeiros, "cuidado de enfermagem"? E, se técnico, administrador, nossos enfermeiros têm desempenhado eficientemente estas funções?

Poderíamos afirmar com toda a sinceridade que nosso profissional enfermeiro faz alguma diferença no seu existir na sociedade?

O que temos feito para melhorar nossa imagem perante o público? O que temos feito para garantir uma boa qualidade de assistência de enfermagem?

Temos como profissionais de enfermagem, condições de reivindicar direitos em termos de enfermagem? Que justificativas temos apresentado? Por que temos sido tão impotentes e incapazes de reivindicar a obrigatoriedade do enfermeiro nas instituições de saúde?

Evidentemente, temos uma história a qual tem explicado as dificuldades responsáveis pelo impedimento ao desenvolvimento da enfermagem. Preconceitos, injustiças e uma série de outros fatores têm contribuído para que a enfermagem permaneça na obscuridade e não receba o status e o reconhecimento merecidos. Entretanto, estaríamos ainda tão enfraquecidos para não sermos capazes de reverter este quadro? O que seria se através de sólidos argumentos e conhecimento, oferecêssemos qualidade e necessidade de serviço? Não faria diferença se os profissionais de enfermagem se unissem e através de barganha, ação política e, principalmente competência e comprometimento, tentassem lutar e conquistar seu espaço?

Especificamente em relação à área de educação, o que temos feito para melhorar a qualidade do ensino? Qual tem sido nosso papel como educadores? Como temos avaliado o "produto" de nossos problemas? Como temos avaliado a qualidade de nossos graduados? Como tem sido avaliado nosso desempenho como professores? Estamos realmente preparados para oferecer "qualidade de ensino"? Como pensamos enfermagem? Como fazemos enfermagem? Temos estimulado nossos alunos a estudar, a pensar? Temos contribuído em algum sentido para que nossos alunos sintam orgulho em virem a ser enfermeiros? E nós, temos orgulho em sermos enfermeiros? Existe um real e verdadeiro engajamento e dedicação à profissão em termos de participação, atualização, aprimoramento, preparo, comprometimento?

Em que fase estamos pensando a enfermagem e qual nosso modelo de enfoque? Estamos ainda dependentes do modelo médico? Nosso ensino está baseado em que orientação metodológica? Existe coerência entre teoria e prática? Como temos avaliado e medido o processo de ensino e seu produto em termos de congruência, validade, eficácia? Temos preparado nossos alunos para a realidade oferecendo variedade de campos de prática onde ele consiga relacionar aspectos de saúde à cultura, política, bem como fatores sociais e econômicos? Tem nosso aluno sabido se comportar frente à alta tecnologia, assim como também em situações em que seja necessário improvisar usando de bom senso, ética, moral e julgamento de valores?

Qual tem sido nossa contribuição como professores, para a pesquisa e como temos orientado no-

sos alunos e colegas de campo a desenvolverem pesquisa também?

Estamos incorporando conhecimento estrangeiro com adequação às nossas necessidades em relação ao nosso ensino, prática e pesquisa na enfermagem? Temos tido bom senso e cuidado ao analisar os "modismos" e estudado as novas tendências, enfoques, a fim de saber o que, como e quando usar? Que paradigmas e métodos têm sido utilizados ao selecionar modelos, teorias, processo de enfermagem, métodos de pesquisa, de ensino?

Nós, educadores, temos a responsabilidade de tomar consciência de nosso papel perante à sociedade em formar profissionais que saibam prestar uma assistência de enfermagem a qual possa ser distinguida e avaliada como excelente. Por outro lado, somos responsáveis em oferecer um meio ambiente de ensino-aprendizagem onde o aluno possa desenvolver suas potencialidades cognitivas, em perfeita conexão às habilidades técnicas e afetivas.

Nós, educadores de enfermagem, temos transmitido valores e ideais aos nossos alunos e eu pergunto: que valores, que ideais? Que valores, crenças e filosofia têm as escolas enfatizado?

Temos discutido ensino de enfermagem? Temos investido em pesquisa no ensino? Eu diria que muito pouco e isto não seria por falta de interesse? acomodação? desconhecimento?

Como pode ser visto, vários são os aspectos a serem repensados no nosso ensino. A enfermagem precisa acompanhar os avanços do conhecimento de forma prática, crítica e racional. Esclarecimento de valores, interesses, nossas atitudes em relação ao ensino e nosso comportamento como professores necessitam ser revisados. O processo de ensino-aprendizagem, em geral, tem se reduzido a planos de ensino meramente teóricos, inexpressivos, ultrapassados e desarticulados da prática. Aulas monótonas, desinteressantes, falta de feedback tem sido queixas freqüentes. Nossos alunos lêem pouco, escrevem pouco, praticam pouco e no entanto, ocupam dois turnos diários durante quatro anos em função da enfermagem! Por outro lado, freqüentemente nossos alunos não sabem explicar o porquê de suas ações na prática. O ensino baseado em objetivos comportamentais, com enfoque nos resultados e dissociado do saber e do fazer, bem como do ser, necessita ser questionado.

O tipo de conhecimento que prevalece e tem sido oferecido no processo de ensino-aprendizagem e as relações de poder implícitas neste processo necessitam ser reexaminadas. A forma como nossas instituições de ensino têm estimulado o conhecimento em relação à capacitação docente, acesso deste conhecimento pelos alunos e pela comunidade

é uma questão ampla e que precisa ser contestada, principalmente no que se refere à manutenção de subordinação a um poder dominante e reprodução deste poder.

O ensino é uma atividade que envolve a pessoa como um todo. É compreensão, conscientização, é conhecimento, é troca de experiências. É crescimento e desenvolvimento e, mais importante, é um processo de reconhecimento e aceitação de nossas limitações. O ensino é uma atividade emocional, um processo de mudança que envolve o Eu e os outros de forma transcendental e que tem como objetivo o verdadeiro evoluir em termos de transformação.

Penso que muitas vozes se farão ouvir em relação a este assunto pois acredito que se profundamente refletido, há de encontrar eco. Muito há que ser discutido e muito há a fazer. O importante é pensar. O pensar e o refletir são os grandes desencadeadores das ações. Outrossim, opiniões e experiências necessitam ser expressadas, e em conjunto, soluções poderão ser encontradas pois o interesse é de toda uma classe oprimida que precisa se engajar e se unir na luta pelo seu desenvolvimento e autonomia.

Tenho encontrado afinidade em algumas leituras, principalmente na linha da pedagogia crítica e pedagogia feminina as quais considero que auxiliarão a servir de suporte para nossas reflexões:

- o ensino de enfermagem tem sido enfatizado em termos de produto ao invés de processo;

- os professores não estão suficientemente preparados para oferecer um ambiente o qual favoreça o desenvolvimento de pensamento crítico;

- a enfermagem se caracteriza por um comportamento de opressão perante um poder dominante e que impede o seu desenvolvimento como verdadeira profissão;

- só existe dominação quando esta é permitida seja por ignorância ou interesse;

- existe uma tendência a reproduzir o comportamento do sistema dominante nas relações pessoais e interpessoais em sala de aula com os alunos; entre docentes nas relações intra e interdepartamentais; da escola perante a comunidade e nas relações estruturais considerando o sistema educacional como um todo;

- o saber permanece limitado aos domínios das escolas com pouca divulgação e propagação do mesmo o que caracteriza um comportamento de controle e poder do saber;

- o "currículo oculto" prevalece em nossas instituições de ensino, conduzindo à alienação, conformismo e subordinação;

- mantemos um comportamento característico de uma cultura de mediocridade ao invés de uma cultura

ra de excelência, ou seja, na qual prevalece desinteresse, indiferença e baixo padrão de desempenho;

— o poder de conhecimento relegado a um plano inferior é evidenciado pela ênfase dada a títulos e posições ilegítimas, bem como ao valor dado ao poder de status (poder de coerção e poder de referência versus poder de conhecimento);

— o reduzido número e frequência de nossos periódicos, bem como a qualidade de nossos trabalhos, evidenciam um estado de acomodação e desinteresse;

— a enfermagem como profissão predominantemente feminina se caracteriza por um comportamento de opressão, o que dificulta o alcance de autonomia;

— nossa experiência e sabedoria como mulheres oprimidas precisa ser compartilhada através da linguagem oral e da escrita. Nossa tradição de silêncio e subordinação é pleno de observações, significados, reflexões os quais se expostos num ambiente de amor, respeito e aceitação poderá contribuir para a mudança de uma sociedade caracteristicamente machista, materialista e contraditória, para uma sociedade igualitária, humana, democrática, onde o ser humano possa ser sujeito e não objeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 APPLE, M.W. *Ideology and Curriculum*. Boston, Routledge and Kegan, 1979.
- 2 CHARLOT, B. *A mistificação pedagógica*. Realidades sociais e processos ideológicos da teoria da Educação: Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- 3 FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- 4 GIBSON, R. *Critical theory and Education*. London, Hodder and Stoughton, 1986.
- 5 HABERMAS, J. *Knowledge and human interests*. (J. Shapiro, Trans.) Boston, Beacon Press, 1971.
- 6 MASON, D.J. & TALBOTT, S.W. *Political action handbook for nurses*. California, Addison-Wesley, 1985.
- 7 MCCLOSKEY, J.C. & GRACE, H.K. *Current issues in Nursing*. Boston, Balckwell, 1985.
- 8 ROGERS, C. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte, Luter Libros, 1972.
- 9 SHOR, I. *Critical teaching and every day life*. Chicago, University of Chicago Press, 1980.
- 10 WHEELER, C.E. & CHINN, P.L. *Peace and power: A handbook of feminist process*. Buffalo, NY, Margaret daughters, 1984.

Endereço do autor: Vera Regina Waldow
 Author's address: 511 W. 235th St., 4E Riverdale
 New York 1063 USA